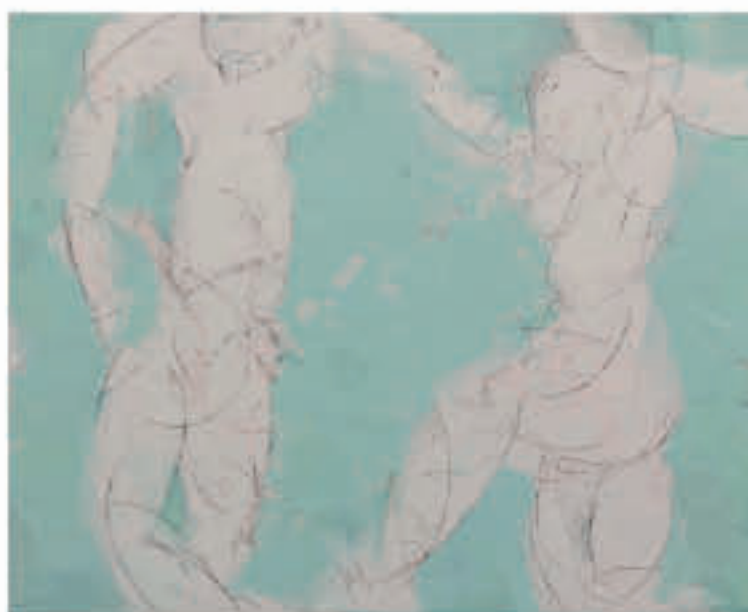


PEÇA PARA
RÍO S



*Onde podemos parar, ao fim da tarde, a conversar com amigos na frescura das margens.
Onde podemos deixar os nossos filhos brincar na natureza, mesmo ali ao pé de casa...*

Sinopse

Três investigadores realizam um procedimento científico para caracterizar a Ribeira da Madrigueira. Avançam pelo leito da ribeira, contra a corrente, e vão registando elementos sobre a morfologia e a vegetação nas margens e no canal, e sobre as alterações e os elementos artificiais introduzidos, como desaguadouros ou muros de gabião. No seu passeio pelo verde, vão cruzando histórias sobre o passado do local, as transformações que foram sucedendo com o tempo, a relação dos espaços naturais com a saúde das pessoas, e apontando possíveis futuros para a ribeira. É aqui que as opiniões se dividem. A quem pertence a ribeira? A quem pertence o seu futuro? E qual é o futuro deste espaço natural?

Questionário

Se tiver disponibilidade, ficaríamos muito agradecidos se pudesse responder a um pequeno questionário sobre este espetáculo a que assistiu.

Disponível através deste QRCode ou da seguinte ligação:

<https://shorturl.at/zYKJM>





Peça para Rios

Ribeira da Madrigueira

16, 23* e 30 de maio | 15h e 17h

M/6 | Aprox. 45m

*Sessão das 17h com interpretação em Língua Gestual Portuguesa

Sobre o espetáculo

“Peça para Rios” é um espetáculo que se insere no projeto europeu *OneAquaHealth*, do qual a Marionet é parceira e que estuda a relação da saúde humana com a saúde dos ecossistemas ribeirinhos. O processo criativo foi informado pelos resultados do projeto, e por um conjunto de entrevistas realizadas a pessoas que vivem nas imediações de ribeiras urbanas e que as frequentam e utilizam regularmente. Para além da criação da peça de teatro, estamos a preparar um documentário sobre a relação da comunidade com estes espaços naturais urbanos.

Um dos muitos serviços culturais que as ribeiras urbanas fornecem é o usufruto de uma vista para a ribeira e o verde envolvente. Para quantificar esse benefício, podemos contar o número de janelas voltadas para a ribeira. A ribeira da Madrigueira, no Vale das Flores, em Coimbra, tem mais de 200 janelas a olhar para ela. A “Peça para Rios”, que acontecerá nesta ribeira, pretende orientar os olhos da comunidade para a importância dos ecossistemas ribeirinhos urbanos.



Um rio não é só o rio

Invertebrado, diatomácea, ripário, macrófita, biofilme – algumas das muitas palavras que entraram no nosso vocabulário, desde que começámos a acompanhar o trabalho do Grupo de Ecologia de Águas Doces do MARE – Universidade de Coimbra.

O nosso primeiro contacto com este grupo de investigação foi através de uma residência artística, entre 2010 e 2011, que culminou no espetáculo “BCC – Blind Carbon Copy”, sobre as alterações climáticas e o seu impacto nas comunidades de invertebrados ribeirinhos.

Alguns anos depois, em 2018, continuámos a colaborar no projeto de educação não formal CresceRio, em que uma turma do 1.º ciclo do Ensino Básico, acompanhada por investigadores do MARE, tem a fantástica oportunidade de conhecer os rios, amostrar e identificar elementos biológicos, aprender a avaliar o seu estado ecológico e pensar as melhorias que se podem realizar. O projeto dura os quatro anos do 1.º ciclo e, no último ano, construímos, com a turma, um espetáculo de teatro sobre tudo o que aprenderam e querem partilhar com a comunidade. Neste momento, acompanha o terceiro grupo de crianças, uma turma da Escola Básica de S. Martinho do Bispo.

Com a “Peça para Rios”, incluída no projeto europeu *OneAquaHealth*, coordenado por esta equipa de investigação, procuramos aproximar as pessoas das ribeiras urbanas, historicamente menosprezadas e frequentemente ignoradas. Apoiamos a dramaturgia da peça num dos procedimentos científicos usados na caracterização de rios, o RHS (*River Habitat Survey*), e localizamos a ação em pleno rio.



Procuramos chamar a atenção para todo o ecossistema destes locais naturais dentro da urbe, para os serviços que eles nos proporcionam, para a transformação, ao longo do tempo, da relação das pessoas com as ribeiras, e para as fortes mudanças de origem antropológica que eles vão sofrendo.

O palco escolhido é a Ribeira da Madrigueira, no Vale das Flores, vale que tem poucas flores e quase já não tem ribeira, pois esta está, em grande parte, entubada e soterrada. É um exemplo paradigmático do impacto que a expansão urbanística teve (e tem) sobre estes habitats naturais. É, por isso, um ótimo exemplo para alimentarmos a discussão sobre a importância destes locais e sobre de que formas podemos relacionar-nos com eles de um modo mais saudável. Para eles e para nós.

Se quem assistir ao espetáculo ficar com a ideia de que **existem ribeiras urbanas**, ficamos contentes;

Se quem assistir ao espetáculo ficar com a ideia de que **um rio é muito mais do que água a correr**, ficamos entusiasmados;

Se quem assistir ao espetáculo ficar com a ideia de que **a saúde das pessoas está relacionada com a saúde das ribeiras**, ficamos felizes;

Se quem assistir ao espetáculo ficar com a ideia de que **precisamos de recuperar as ribeiras urbanas**, estamos em êxtase.

O diretor artístico da Marionet,
Mário Montenegro



Ribeiras urbanas: de Ecossistemas Perdidos à Vida e Saúde

Desde que começámos a estudar os ecossistemas ribeirinhos urbanos, que ouvimos frequentemente: “Não há ribeiras aqui. É só um canal, uma vala. Não há água. Não há peixe. Não há nada. A água está suja, cheira mal. Devia-se tapar tudo. É preciso cortar a vegetação...”.

Efetivamente, as ribeiras nas cidades foram desaparecendo, ao longo dos séculos de urbanização. Escondidas por prédios, por canas, tapadas por estradas, desviadas, enfiadas em canais. E foram sendo esquecidas. Já quase ninguém se lembra de como eram antes de estarem degradadas.

Porquê estudá-las, então? Porquê estudar estes ecossistemas perdidos?

No início, foi a vontade de descobrir estas ribeiras na cidade, de conhecer as espécies que albergam na água e nas suas margens. Depois, foi querer perceber e demonstrar o potencial que têm estes ecossistemas para melhorar as cidades e a vida das pessoas que aí moram. Perceber como já foram. Perceber o que fazer para as recuperar. E envolver todos nessa preocupação.

Uma imagem foi-se construindo. Corredores verdes, cheios de vida, cruzando-se por toda a cidade. Por onde caminhamos à sombra, com ar puro, a ouvir os sons da água límpida a correr por entre as pedras. Onde ouvimos as aves, cheiramos plantas e terra, ouvimos o vento nas árvores, vemos libélulas e, quem sabe, lontras, a caminho do trabalho ou da escola... Onde podemos parar, ao fim da tarde, a conversar com amigos na frescura das margens. Onde podemos deixar os nossos filhos brincar na natureza, mesmo ali ao pé de casa... Onde as crianças aprendem o que é uma efémera, a mosca-da-pedra ou um tricóptero, um esgana-gata, um tritão de ventre-laranja ou um guarda-rios, enquanto crescem... Uma cidade moderna seria assim!...



Por isso, começámos. Da hidráulica à ecologia, da ecologia às ciências sociais, das ciências sociais à saúde humana. E, finalmente, ao teatro. Fomos sendo cada vez mais a acreditar naquela imagem. E assim nasceu o projecto *OneAquaHealth* (oneaquahealth.eu), coordenado pela Universidade de Coimbra e que junta 14 parceiros de 10 países europeus, entre eles a companhia de teatro Marionet. O *OneAquaHealth* investigou 100 ribeiras urbanas em cinco cidades europeias (Coimbra, Toulouse, Benevento, Gent e Oslo) para avaliar como os impactos da urbanização afetam os ecossistemas de água doce e como a degradação destes pode aumentar os riscos para as pessoas. Os seus resultados confirmam que a degradação do ecossistema ribeirinho e a saúde humana estão profundamente ligadas, enquanto o seu restauro traz benefícios mútuos para o ambiente e para a saúde pública.

A coordenadora do *OneAquaHealth*,
Maria João Feio



Ficha Artística e Técnica

Discussão e Ideias: Carolina Costa Andrade, Francisca Moreira, Inês Dias, Marcelo dos Reis, Mário Montenegro, Pedro Andrade, Ricardo Jerónimo, Teresa Côrte-Real, Silvia Carballo, Vicente Paredes, Zé Ribeiro

Texto e Encenação: Mário Montenegro

Pesquisa: Silvia Carballo (Coord.), Teresa Côrte-Real

Consultoria Científica: Maria João Feio

Interpretação: Carolina Costa Andrade, Inês Dias, Zé Ribeiro

Música e Sonoplastia: Marcelo dos Reis

Imagem: Pedro Andrade, Joana Luís Sousa

Figurinos: Carolina Costa Andrade

Penteados: Carlos Gago – Ilídio Design Cabeleireiros

Direção de Produção e Fotografia: Francisca Moreira

Produção Executiva: Carolina Costa Andrade, Silvia Carballo, Vicente Paredes

Comunicação: Carolina Costa Andrade, Ricardo Jerónimo

Interpretação Língua Gestual Portuguesa: Jéssica Ferreira

Vídeo Promocional: Tiago Cerveira

Registo de Vídeo: João Cunha



Agradecimentos

Grupo de Ecologia de Águas Doces do MARE – UCoimbra, Teatro Académico de Gil Vicente, Cátia Carvalho, e todas as pessoas entrevistadas: Cidália Carvalho, Elizabete Marchante, Horácio Costa, João Moreira, João Pedro Inácio Costa, Joel Figueiredo, Jorge Gomes, Maria José, Nele Halans, Ricardo Fonseca, Sidsel Andersen



A Marionet

Somos uma companhia de teatro orientada para a promoção e disseminação das culturas artística e científica, através de atividades de cruzamento entre as artes performativas e as ciências.

No nosso trabalho de investigação, criação e comunicação temos como parceiros regulares teatros e centros de investigação científica e estamos envolvidos em diversos projetos de investigação.

O que nos move é o questionamento e a reflexão sobre o mundo, apoiados neste cruzamento disciplinar. E é neste contexto que criamos espetáculos, fazemos investigação, organizamos colóquios e leituras, damos formação, produzimos vídeos, editamos livros e partilhamos um centro de documentação.



Projeto:



Contributed to a research network and common equipment and research infrastructure of the project to test, improve and exploit the use of the European Research Infrastructure for the development of European research and innovation activities.

A Marionet é uma estrutura financiada por:



